

## **Jornalismo brasileiro: gênese, transformações e perspectivas**

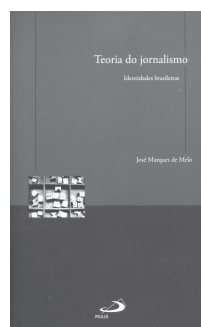
Tyciane Viana Vaz<sup>1</sup>

MARQUES DE MELO, José. **Teorias do Jornalismo: identidades brasileiras**. São Paulo: Paulus, 2006. 277 p.

A obra *Teorias do Jornalismo: identidades brasileiras* proporciona um passeio pela gênese, pelo desenvolvimento e pelas multifaces do campo do jornalismo brasileiro. Coletânea de textos produzidos nas décadas de 1980 e 1990, apresenta, de forma didática, o caminho percorrido pelo jornalismo, seus diversos ramos e gêneros.

O livro tem autoria do jornalista, pesquisador e professor da Universidade Metodista de São Paulo, José Marques de Melo. Autor e organizador de dezenas de livros e de mais de uma centena de artigos publicados em periódicos científicos em nível nacional e internacional, também consultor acadêmico e diretor da Cátedra Unesco/Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, Marques de Melo reúne, nessa obra, pesquisas e experiências sobre os temas que mais trabalhou nos últimos anos: jornalismo brasileiro, gêneros jornalísticos, pensamento comunicacional latino-americano, e história das ciências da comunicação.

Em *Teorias do Jornalismo*, Marques de Melo traça o pensamento jornalístico brasileiro, através de vários fatos históricos por onde perpassa o campo do conhecimento do jornalismo. Dessa forma, propicia discussões pouco aborda-



---

<sup>1</sup> Jornalista e mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo.

das em outras obras sobre jornalismo. Ressalta-se a abordagem de fatos interessantes sobre a evolução e etapas vividas pelos cursos de comunicação do país. O autor divide a obra em quatro correntes. Na primeira, denominada ético-social e vivida a partir da criação dos cursos pioneiros (na Faculdade Cásper Líbero, em São Paulo, e Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro), ressalta-se uma preocupação em programas de ensino com reflexões morais sobre a prática noticiosa e os parâmetros filosóficos inerentes aos processos jornalísticos do período. Essa inclinação para as questões ético-sociais deve-se ao corpo docente, formado por bacharéis em direito.

Na segunda fase, técnico-editorial, iniciada com o golpe de 1964, há uma corrente preocupada com a técnica do jornalismo e melhoria nos padrões editoriais, inclusive com introdução no novo currículo<sup>2</sup> para garantir a melhoria na qualificação dos profissionais formados. Luiz Beltrão é um dos grandes incentivadores dessa praticidade. A terceira fase dos cursos de comunicação, chamada pelo autor de político-ideológica, vem com as reflexões sobre indústria cultural e os pioneiros cursos de pós-graduação. Destaca-se a postura das comunidades acadêmicas em reivindicar medidas para reverter a situação dos cursos, que foram vítimas de repressão pela política do país. A corrente crítico-profissional, a quarta fase, é fortalecida com várias obras<sup>3</sup> de Marques de Melo que buscam entrever a identidade do jornalismo na academia.

Além de propiciar uma importante visão sobre o campo do conhecimento científico, Marques de Melo entra em questões da natureza do jornalismo. Com suas discussões formadas pelos ideais da academia, ressalta pontos que fazem parte das práticas jornalísticas. Entre essas questões da produção noticiosa, aborda a objetividade, tratada como complexa e polêmica, mas com tarefas voltadas para veracidade, clareza e credibilidade. Portanto, presente na produção jornalística atual com proposta de pluralismo de observação e relato. O autor também traz para o livro conhecimentos sobre identidades dos gêneros jornalísticos, com informações sobre modelos forâneos e suas influências para o Brasil. A temática “gêneros” foi utilizada pelo autor para obtenção do título de livre-docência, em 1983, na Universidade de São Paulo, que gerou a obra *Jornalismo Opinativo*.

Ainda sobre os gêneros jornalísticos, a obra apresenta uma análise sobre a crônica e suas especificidades no confronto hispano-americana e luso-brasileira.

<sup>2</sup> O currículo Celso Kelly altera as disciplinas obrigatórias dos cursos e privilegia a formação técnica dos jornalistas.

<sup>3</sup> Obras: *Estudos de Jornalismo Comparado* (1982), *Sociologia da Imprensa Brasileira* (1973), *Contribuições para uma Pedagogia da Comunicação* (1974).

Na versão dos hispano-americanos, a crônica assume uma variante de reportagem, com relatos de acontecimentos, portanto, inserindo-se no gênero informativo. Já a crônica luso-brasileira tem lugar no gênero opinativo, situa-se entre informações de fatos atuais e a narração literária. Essa última é considerada como um “relato poético do real”. Sobre a função da crônica, é levantada principalmente a questão educativa, com propostas de esclarecimento e orientação.

Após essas considerações sobre gêneros, acredita-se que outra relevante contribuição da obra é com relação à história da imprensa no país. O surgimento tardio e as tentativas frustrantes do surgimento da imprensa na época do Brasil-colônia compõem o relato do autor, seguido das considerações sobre as embrionárias publicações impressas e suas transformações, que ao longo dos anos refletiam a industrialização e vida política do país. Sobre os jornais impressos, o autor dá destaque para os desafios, principalmente com relação à democratização da leitura e ao valor social e utilitário do meio.

*Teorias do Jornalismo* trata ainda do campo jornalístico sob diversas faces, entre elas, destaca-se o científico, comunitário, feminino e educativo. Sobre o científico, o autor ressalta sua função educativa e democrática. Para ele, o jornalismo científico não se propõe a uma atividade voltada para popularização do conhecimento quando, na verdade, deveria gerar soluções para os problemas coletivos. Essa discussão do autor é bastante válida, já que pouco se percebe esse papel de relevância social com relação à divulgação da ciência. No jornalismo comunitário, questiona-se os veículos de comunicação como imprensa de bairro, interior, imprensa negra, religiosa e de imigrantes sobre suas funções comunitárias. Mas, segundo Marques de Melo, a imprensa é comunitária quando é produzida pela e para a comunidade, e, por isso, cobra do jornalista a construção de uma imprensa comunitária efetivamente popular.

Ao adentrar o jornalismo feminino, o autor pontua sobre as diferenças entre imprensa e jornalismo feminino. Destaca que algumas publicações voltadas para as mulheres não têm características essenciais do jornalismo, como a atualidade. Sobre a imprensa feminina brasileira, afirma ainda que essa tem encontrado dificuldades de sobrevivência, e que grande parte enquadra-se como modernizadora, alienante e conformista. Ao passar para o jornalismo educativo, muitas considerações são proeminentes na obra, levam a reflexões sobre a realidade brasileira e as possíveis alternativas para ativar a cidadania através da participação social e política. Com a marginalização social vivida por grande parte dos brasileiros, o acesso aos meios de comunicação, especialmente os impressos, são precários. A obra sugere à escola a função

de oferecer instrumentos para formação de leitores críticos. Isso tem grande valor, pois o educador dará oportunidades aos jovens para o desenvolvimento do exercício da cidadania.

*Teorias do Jornalismo: identidades brasileiras* representa um vasto caminho trilhado, e deixa desafios para novos pesquisadores do campo da comunicação. Foi pensando nisso, que, ao final, o autor deixa para os leitores uma lista de referências bibliográficas sobre o pensamento jornalístico brasileiro, entre obras voltadas para o campo acadêmico e para o campo profissional. Na obra, percebe-se ainda um olhar predominantemente acadêmico do autor e, ao mesmo tempo, nota-se uma visão teórica que se encaixa na realidade e na prática do jornalismo brasileiro. Sobre isso, ressalta-se, por fim, a preocupação central do autor com a questão da democratização da imprensa brasileira.